

Os Asnos no período paleoassírio: animais indispensáveis à vida do mercador e ao funcionamento do comércio (Mesopotâmia, Idade do Bronze Médio)*

Anita Fattori**

FATTORI, A. Os Asnos no período paleoassírio: animais indispensáveis à vida do mercador e ao funcionamento do comércio (Mesopotâmia, Idade do Bronze Médio). R. Museu Arq. Etn. 42: 31-50, 2024.

Resumo: No início do II milênio AEC, o chamado período paleoassírio, a cidade de Aššur, no norte da Mesopotâmia, destacou-se como uma potência dentro de uma extensa rede de comércio de longa distância. Centenas de mercadores assírios e membros de suas famílias aventuraram-se nas longínquas terras anatólias, sendo Kaneš o principal destino para comercializar estanho, tecido e, algumas vezes, cobre e lã, em troca de metais preciosos como ouro e prata. O sucesso dessa empreitada em muito se deve ao uso dos asnos como animais de carga que, organizados em caravanas, partiam da Mesopotâmia algumas vezes ao ano com destino a Anatólia central, onde posteriormente também se tornariam mercadorias. O objetivo deste artigo é apresentar, por um lado, a importância fundamental dos asnos na organização do comércio de longa distância e, por outro, todo o trabalho envolvido em torno da seleção e cuidado desse animal. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica a partir do debate com a literatura existente em cotejo com a documentação encontrada no arquivo de um mercador assírio de nome Elamma. O trabalho com a documentação cuneiforme desse arquivo nos serve como estudo de caso e permitirá dimensionar a extensão da presença desses animais na vida de um mercador.

Palavras-chave: Período Paleoassírio; Asnos; Comércio Inter-regional; Aššur; Kaneš

*Este artigo é uma adaptação da conferência apresentada no Séminaire d'Histoire et Archéologie des Mondes Orientaux (SHAMO), organizado por C. Michel no Laboratório ArScAn (UMR 7041, CNRS, Université Paris 1-Panthéons Sorbonne, Université Paris Nanterre et Ministère de la Culture), em março de 2023.

**Doutoranda em regime de duplo diploma entre a Universidade de São Paulo e a Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP (Processo n.º 2019/12945-6; BEPE Processo n.º 20/07395-4). E-mail: anitafattori@usp.br

Mais il était déjà trop tard quand la nouvelle parvint à la femme de mon oncle. Elle se précipita vers le sceau pour sauver de son cher orge ce qui pouvait encore l'être, mais elle le trouva parfaitement nettoyé, brillant dans la lumière du crépuscule, l'âne le reniflant encore à la recherche d'un grain oublié. Elle alla prendre un bâton dans l'écurie, revient vers l'animal vorace et, de désespoir, se mit à le rouer de coups. Coup de rage contre l'âne qui avait liquidé la réserve d'orge de la famille, de colère contre elle-même

qui s'était si généreusement empressée de le payer d'un travail qu'il n'avait pas encore accompli, [...] et le destin qui n'avait point de pitié, pour la misère, la coupe trop pleine, et surtout pour elle-même qui voulait cesser de frapper mais ne le pouvait pas.

Arabesques, Antoine Shammas

Animals can be treated simply as storage-eateries for summer slaughter, or intensively managed for breeding and sale as cash crop, depending on the economic climate; and when they need to be realized as capital, they can be moved with their own energy sent for sale on the hoof.

The Corrupting Sea, Horden & Purcell

Introdução

O cenário retratado acima por Shammas, em seu livro *Arabesques*, ilustra a complexa relação entre uma família e seu asno em um momento de escassez extrema. O animal, assim como seus donos, tem fome. A necessidade da fuga da família do vilarejo que habitavam fez com que o asno fosse o primeiro a receber alimentação, pois ele seria o responsável por conduzir os refugiados e carregar seus bens. Pouco depois de se alimentar com o restante precioso de grãos que a família possuía, a notícia de uma trégua faz com que sua dona corra até o pátio para tentar recuperar o alimento. O fato de o animal não precisar realizar o trabalho de transporte desperta a ira de sua dona. Apesar dos tempos áridos, a família não o sacrifica. O asno aqui se comporta como um símbolo vivente de estocagem, sendo por si só um indicativo de valor, energia e alimentação.

Andrew Sherrat (1981), em seu artigo sobre a revolução dos produtos secundários, discutiu amplamente a questão dos animais como símbolos viventes de estocagem. O autor explica (1981: 285) que, apesar da domesticação dos animais remontar ao Neolítico, com o aumento da urbanização durante a Idade do Cobre, podemos observar o início da intensa exploração dos produtos secundários, ou seja, o que se pode extrair de um animal ao longo de sua vida. O surgimento de novos modelos de exploração

socioeconômica derivou em modificações que impactaram a maneira de transportar os produtos e permitiram a domesticação de equídeos e sua utilização como animais de carga. Eles substituíram outros animais e deram abertura a diferentes maneiras de pensar o transporte e o deslocamento de coisas e pessoas por distâncias mais longas. Animais como asnos surgem na condição de estoques de força e de valor ou, nos termos de Horden & Purcell (2000: 199) para o Mediterrâneo pré-moderno, *a crash crop* que pode mover-se por si só. Eles podem transportar coisas e pessoas, serem usados como força de tração, servir de alimento e serem utilizados como matéria-prima.

No início do II milênio AEC, durante o chamado período paleoassírio, no norte da Mesopotâmia, o emprego dos asnos como animais de carga vai ser fundamental para o sucesso do comércio assírio, que vivia seu período áureo. Milhares de asnos partiam de Aššur e atravessavam anualmente a Mesopotâmia carregados de estanho e tecidos que seriam comercializados nas longínquas terras da Anatólia central¹. Parte do valor recebido por essas mercadorias era reenviado para Aššur, quando pequenos comboios com alguns desses animais voltavam para a cidade. O restante das centenas de asnos que chegavam na Anatólia a cada viagem de caravana era comercializado ali mesmo, sendo também uma importante mercadoria assíria.

Transportando junto as mercadorias uma quantidade considerável de tabletas de argila escritas em acadiano cuneiforme – como cartas e contratos –, os asnos também desempenharam um papel essencial na circulação de informações entre os membros das famílias que permaneciam em Aššur, aqueles que se estabeleceram em Kaneš, ou mesmo os que estavam em constante deslocamento dentro

1 Mesmo que o termo *Anatólia* seja posterior ao recorte cronológico deste trabalho, ele é largamente utilizado pela literatura assiriológica. Como apontam Steadman e McMahon (2011: 4), definir os limites territoriais do que entendemos por Anatólia não é tão simples e os argumentos variam, principalmente aqueles referentes ao recorte cronológico escolhido. Em relação ao nosso contexto, nos referimos a porção central da Turquia, região onde o comércio assírio foi atuante (Michel 2011: 314).

dessa rota. Não é surpreendente que a maior fonte para a história do período paleoassírio e para a compreensão do papel dos asnos como elementos integrante dessa rede de comércio de longa distância são os mais de 22.500 mil tabletes cuneiformes encontrados nas casas desses mercadores em Kaneš.

A análise das fontes disponíveis levou assiriólogos como Klaas Veenhof (1972), Cécile Michel (2003) e Jan Guerit Dercksen (2004a) a apresentarem sínteses sobre os asnos nesse contexto. Veenhof (1972: 1-76) examinou o vocabulário disponível na época sobre os asnos, as cargas e os equipamentos utilizados nas caravanas. Michel (2003) procurou compreender, por meio da análise de fontes iconográficas, arqueológicas e textuais, o lugar dos híbridos – especificamente as mulas – entre os asnos e cavalos. Já Dercksen (2004a: 255-285) dedicou-se a uma minuciosa discussão sobre o lugar dos asnos nas fontes textuais do período. Este artigo tem como objetivo visitar essa literatura a fim de compreender o lugar dos asnos no cotidiano das famílias mercadoras assírias e sua importância na organização do comércio de longa distância. Para isso, iniciamos a discussão apresentando as fontes disponíveis para esse estudo. Propomos, em seguida, uma análise direcionada das fontes textuais a partir do arquivo da família de um mercador, o arquivo da família de Elamma. O cotejo entre o trabalho de revisão bibliográfica e a discussão deste estudo de caso permitirá compreender quais as esferas de organização do comércio assírio envolviam a seleção e o cuidado com os asnos, bem como os esforços mobilizados por um mercador para o sucesso de sua empreitada.

A domesticação dos asnos

Os asnos pertencem a família dos equídeos e recebem o nome científico de *equus asinus*². Em termos morfológicos eles se aproximam dos

cavalos, mas são menores, dotados de um corpo mais compacto, com orelhas grandes e a pelagem longa e mais espessa sob o dorso. Assim como é o caso de outros equídeos, a domesticação desses animais teve um grande impacto na mobilidade de pessoas e coisas. O processo de domesticação dos asnos, entretanto, foi pouco estudado em comparação à atenção dada aos cavalos, seja pela falta de prestígio em contextos modernos de mobilidade, seja pela dificuldade de acesso às evidências, principalmente arqueológicas (Wang *et al.* 2020: 2; Todd *et al.* 2022: 1).

Desses estudos, duas hipóteses sobre a origem da domesticação dos asnos tomaram forma. A primeira delas argumenta por dois centros distintos de domesticação, um na Ásia e outro na África³. A segunda hipótese defende que a domesticação teria acontecido entre 5500-4500 AEC na África, em contextos de pastoralismo, devido às dificuldades climáticas postas pelo Saara (Mitchell 2018: 39)

Pesquisas realizadas nos últimos anos corroboram com a hipótese de um único centro de domesticação, com destaque para a publicação do artigo *The genomic history and global expansion of domestic donkey* (Todd *et al.* 2022)⁴. Nesse trabalho, pesquisadores de 38 laboratórios realizaram a análise de material genético de 207 amostras de asnos modernos e de 31 amostras de asnos antigos, sendo a maior escala de contextos de análise já coberta sobre o assunto. A análise desse painel genômico levou os autores a afirmar que os asnos foram domesticados na África, aproximadamente em 5200 AEC, sendo a região do Chifre da África e do Quênia os lugares mais prováveis.

A partir desse único centro, os asnos se espalharam para outras regiões. A domesticação dos asnos teve um impacto profundo na Mesopotâmia, sendo considerados os animais mesopotâmicos por excelência. O material zoológico disponível sugere sua

2 Para um panorama geral sobre a questão da domesticação dos cavalos e a contribuição dos estudos de DNA antigo para o estudo da domesticação dos animais, cf. Orlando (2021).

3 Por exemplo, Cattani; Bokonyi (2002) que argumentam pela domesticação dos asnos na Península Arábica, no atual Iêmen, no sítio de Ah Shuman.

4 Cf. Beja-Pereira *et al.* (2004); Kimura *et al.* (2011); Rossel *et al.* (2008); Wang *et al.* (2020).

domesticação em Uruk na segunda metade do IV milênio AEC, sendo largamente atestados nas fontes textuais a partir do final do IV milênio até o fim da cultura cuneiforme (Goulder 2021: 249; Lafont 2000: 208)⁵.

As viagens de caravana entre Aššur e Kaneš: a vantagem dos asnos

O comércio de longa distância que se desenvolveu entre Mesopotâmia e Anatólia no início do II milênio pode ser caracterizado como um comércio de larga escala. Mercadores assírios conectavam diferentes geografias por meio da importação de tecidos e estanho, e sua posterior exportação para a Anatólia. Os tecidos fabricados pelas mulheres assírias não davam conta de suprir as demandas do mercado da Anatólia. Era necessária a importação de grandes quantidades de peças do Sul da Mesopotâmia (Babilônia), os chamados tecidos acadiano-*kuštam ša akkidiē*. No caso do estanho, sua entrada na Mesopotâmia parece ter ocorrido através da cidade de Susa, no

Irã, “along with tin, small quantities of luxury goods arrived, such as iron, lapis lazuli from Afghanistan, and carnelian from Pakistan” (Dercksen 2022: 80). O deslocamento de toneladas dessas mercadorias implicava uma logística imensurável.

O transporte das mercadorias durante o período paleoassírio era organizado em caravanas de asnos, comumente designadas nos textos pelo termo acadiano *ellatum*. As caravanas percorriam cerca de mil quilômetros partindo de Aššur, atual Qal’at Sherqat, dentro das fronteiras do Iraque moderno, até Anatólia. O destino principal das caravanas assírias era Kaneš, hoje correspondente ao sítio arqueológico de Kültepe, na Turquia (Fig. 1). De acordo como Altaweel e Squitieri (2018: 174), era alcançado um trajeto de 25 quilômetros por dia, em média três quilômetros por hora. Essa rota levava cerca de 42 dias para ser realizada e era transpassada por uma paisagem composta por “[...] rocky mountains, intermountain valleys, deserts and plains” (Palmisano 2018: 32). Além da condição geográfica, fatores climáticos e a situação política da Anatólia definiam a organização das caravanas⁶.



Fig. 1. Localização geográfica atual de Aššur e Kaneš.

Fonte: SimpleMapp. Elaborado pela autora, 2023.

5 Um panorama geral sobre a presença dos asnos na Mesopotâmia pode ser encontrado em Lafont (2000). Sobre o quadro arqueológico, cf. Mitchell (2018). Em relação a domesticação desses animais na Mesopotâmia, cf. Zarins (1978, 2014).

6 Sobre a organização política da Anatólia nesse momento, cf. Barjamovic (2022).

As caravanas podiam partir de Aššur diversas vezes ao ano. A caravana de maior tamanho era organizada na primavera-*das'ū*, que acontecia entre os meses de abril e junho (Dercksen 2022: 90; Veenhof & Eidem 2008: 240). Apesar de não termos uma estimativa exata da frequência do trânsito das caravanas, muitos autores buscaram compreender o volume do comércio paleoassírio. Por muito tempo, a maior referência dos assiriólogos para estimar o tamanho e volume do comércio paleoassírio foi uma carta dos arquivos de Mari que descreve uma caravana assíria com “300 assírio e 300 asnos” (ARM 26/2 432)⁷. A partir do estudo de documentos extensos que descrevem e apontam o valor declarado de uma caravana, os chamados *awītum*, Dercksen (2022: 89-90) atualiza o debate e conclui que o tamanho de uma caravana variava consideravelmente, podendo chegar a algumas centenas de animais⁸. No documento VS 26, 154, por exemplo, temos uma caravana sob a responsabilidade do mercador Aššur-nada, que foi organizada com 108 asnos. Em comparação, em VS 26, 155, sob a responsabilidade de Imd⁸-ilum, encontramos uma carga compatível a 348 animais. A comparação desses e de outros documentos permitiu ao autor apontar um trânsito anual de mil cargas de animais no auge do comércio paleoassírio entre Mesopotâmia e Anatólia (Dercksen 2022: 91). Embora tenhamos noção de uma quantidade enorme de asnos circulando nessa rede, não temos muitas pistas sobre a proveniência ou criação desses animais. Pouco sabemos também sobre seu destino na Anatólia. Uma hipótese seria que os asnos eram criados e treinados em instituições chamadas de *gigamlum*, que localizavam-se próximas a Aššur e Kaneš, onde eles também poderiam ser comprados (Dercksen 2004a: 259).

7 ARM 26/2 432:3, 3 me lú-meš *aššur-nu-ú* ú 3 me anše^hia.

8 Sobre o debate referente ao volume do comércio paleoassírio, cf. Berjamovic (2018), Decksen (2004a), Larsen (2015) e Stratford (2019).

Os asnos apresentam muitas vantagens como animais de carga. Eles são dóceis e têm uma excelente capacidade de aprendizagem, o que permite serem treinado sem grandes esforços. Além disso, são robustos, resistentes e adaptáveis. Isso significa que eles conseguem transportar grandes cargas por longas distâncias, podem movimentar-se à noite e são animais com bom desempenho em condições geográficas desfavoráveis. Durante longos percursos não exigem manutenção constante, sobrevivendo por períodos mais extensos de seca e calor em comparação com outros equídeos. Por serem menos suscetíveis a doenças que bois e cavalos, sua alimentação não necessita ser de alta qualidade. (Goulder 2020: 37-41; Yilmaz 2012: 32-37; 58-72). Como animais de carga, a descrição textual das mercadorias carregadas pelas caravanas que atravessavam a Mesopotâmia até a Anatólia no início do II milênio AEC, nos permite afirmar que um asno poderia carregar até cerca de 75 quilos (Dercksen 2004a:260; 278; Michel 2008:376; Veenhof 1972:25-26)⁹.

Atualmente, um asno começa a ser usado como animal de carga entre seus 2 anos e meio e 3 anos e tem expectativa de vida de 30 anos. No contexto mesopotâmico, fontes do III milênio AEC informam que asnos começavam a servir como força de tração desde os dois anos de idade. (Goulder 2020:43). Mesmo que não tenhamos nenhuma informação sobre a idade dos asnos usados nas caravanas assírias, sua expectativa de vida certamente era inferior à dos dias atuais uma vez que, como veremos, não são raros os casos de animais que morrem em rota.

As fontes para o período paleoassírio: fontes arqueológicas, iconográficas e textuais

Atualmente, não dispomos de dados arqueozoológicos abundantes sobre os asnos no sítio arqueológico de Kültepe. Esse quadro se repete em todo o contexto arqueológico

9 Sobre a estrutura corporal dos asnos, que os permite a habilidade de transportar cargas pesadas, cf. Yousef, Dill & Freeland (1972).

mesopotâmico, uma vez que os esqueletos deles são muito difíceis de serem identificados. Como aponta Goulder (2020: 32-33), uma razão para essa escassez de dados está no fato de que esqueletos de asnos podem ser facilmente confundidos com o de outros animais híbridos, como onagros e mulas. Ademais, a autora aponta que a maior parte dos ossos de animais tem origem em contexto de consumo alimentar e, ao que tudo indica, os asnos eram pouco consumidos como alimentação no cotidiano dessa população.

O desprovimento de vestígios arqueológicos nos leva a ausências de conclusões mais precisas sobre os asnos que eram usados no contexto do comércio inter-regional entre Mesopotâmia e Anatólia. O único indício de algum aspecto físico desses animais está no emprego do adjetivo acadiano *šallāmum*, que se refere a cor: os asnos pretos. De acordo com Thavapalan (2020: 154-162), o adjetivo *šallāmum* origina-se da raiz acadiana *šlm*, que significa se tornar escuro, escurecer¹⁰. Esses parecem ter sido os animais preferidos pelos comerciantes assírios e talvez os mais comuns (Dercksen 2004a: 258). Os textos indicam que se tratava do melhor tipo de animal disponível para o transporte de mercadoria: mais fortes e resistentes, teriam melhores chances de sobrevivência durante o longo percurso.

Apesar da abundância de representações de equídeos em objetos de cultura material encontrados em Kültepe, assim como nas fontes arqueozoológicas a identificação de um asno ou de um híbrido no registro iconográfico não é uma tarefa simples. As representações iconográficas de equídeos podem ser encontradas em objetos do cotidiano como figuras (Fig. 2), vasos cerâmicos, moldes para produção de figuras e, sobretudo, nos desenhos cravados nos selos cilíndricos e suas impressões glípticas (Fig. 3).

10 Sobre a aplicação do termo no contexto mesopotâmico como um todo, cf. Thavapalan, 2020: 154-162.



Fig. 2. Figura de um equídeo.

Fonte: Kulakoğlu; Kangal, 2010: 270, figura 233. Kt m/k 228, 7,1cm X 4,4cm, ca. 1925-1840, cerâmica, Museu das Civilizações Anatólicas de Ancara, Turquia.



Fig. 3. Selo cilíndrico em hematita e sua impressão em argila com a representação de quatro cavalos.

Fonte: © The Trustees Of The British Museum. Selo cilíndrico do período paleoassírio e sua impressão. Museu Britânico em Londres, Inglaterra, número de registro BM 89774.

Os selos cilíndricos eram objetos importantes no cotidiano dos mercadores assírios e anatólios. Esses pequenos cilindros

feitos de argila, rochas e minerais rochosos tinham em média 1 a 2 centímetros de comprimento. Ao serem rolados na argila fresca, como mostra a Fig. 3, eles transferiam a impressão de uma imagem. O objetivo principal dessa ação era selar e conferir autenticidade aos envelopes, sobretudo, de cartas e contratos. Grosso modo, classificamos os selos paleoassírios em duas categorias distintas de acordo com tipologia da decoração: os selos de estilo anatólico e os selos de estilo mesopotâmico. Apesar do nome remeter a região de origem do estilo escolhido, o nome em nada designa a origem do portador do selo.

Entre as representações iconográficas conhecidas de equídeos, Michel (2003: 193-195) aponta que poucas foram interpretadas como sendo de asnos: as impressões de selos cilíndricos encontradas nos envelopes Kt c/k 1385¹¹ (Fig. 4) e KKS 26b selo 83 (Fig. 5), e o molde para figuras Kt k/k 63 (Fig. 6).



Fig. 4. Impressão de selo cilíndrico no envelope Kt c/k 1385.

Fonte: Özgüç, N., 1965, prancha I, imagem 1. Destaque nosso.

Começamos pelo envelope Kt c/k 1385 (Fig. 4). Esse documento foi encontrado em 1950, durante as escavações no sítio arqueológico de Kültepe. A foto e a interpretação da impressão do selo em questão foram publicadas pela primeira vez por Nimet Özgüç em 1953, no artigo *Vorbericht über die*

*Siegel und Siegelabdrücke*¹². Nesse selo, de estilo anatólico, podemos observar a representação de diversas divindades com destaque em vermelho para uma delas, que aparece em cima de um equídeo. Nessa primeira publicação, a autora identifica o animal como a representação de um cavalo. Uma década depois, no livro *The Anatolian Group of Cylinder Seal Impressions from Kültepe*, de 1965, Özgüç revisita sua interpretação anterior e a corrige para a representação de um asno. Para tal, a autora usa como comparação um molde para figuras feito de esteatite:

Em artigo anterior, conjecturámos que o animal [...] devia ser considerado um cavalo, mas impressões [de outros selos cilíndricos] encontradas mais tarde e um molde descoberto no nível Ib convenceram-nos de que **este animal deve ser visto como um asno**. As orelhas compridas, a forma da cabeça, as pernas e o rabo não deixam dúvidas quanto a esta identificação (Özgüç 1965: 68, grifos nossos).

De fato, o corpo alongado, assim como a cabeça e as orelhas podem nos levar a cogitar tratar-se de um asno ou um híbrido. Se partirmos apenas das características físicas desse animal, um híbrido, especificamente uma mula, seria o candidato mais plausível nesse contexto. Em comparação com os asnos, as mulas eram animais mais robustos, mais ágeis e confortáveis para serem montados¹³. Esses animais, que podiam custar até quatro vezes o preço de um asno, tinham a venda controlada pelas autoridades da Anatólia. Eram símbolo de status e poder “*reserved to high officials and rich merchants for special occasions*” (Michel 2003: 197). Contudo, a posição do deus no dorso do animal segurando uma rédea de condução com a mão esquerda, que esta fixada

12 Özgüç, N. (1953, figura 34).

13 Nos textos do período paleoassírio, as mulas eram designadas pelo termo acadiano *perdum*, raramente utilizado no contexto mesopotâmico. Sobre as mulas no período paleoassírio, cf. Michel (2003).

11 De acordo com Nimet Özgüç (1965: 75), a mesma impressão desse selo pode ser encontrada no documento não publicado Kt j/k 528.

na narina do equídeo, coloca em dúvida se ele não seria, na verdade, um cavalo.



Fig. 5. Desenho da impressão do selo cilíndrico no envelope KKS 26b¹⁴.
Fonte: KKS Abb. 83. Destaque nosso.

A segunda impressão de um selo cilíndrico, encontrada no envelope KKS 26b selo 83 (Fig. 5), também de estilo anatólico, apresenta uma procissão em que temos uma figura montada em um equídeo¹⁵. O envelope contendo esse selo foi publicado por Lubor Matuš e Marie Matoušavá-Rajmová no volume KKS (115-116; 26b, selo 83), sendo interpretado pelos autores como um assírio montando um asno: “*Uten vor der thronenden Gottheit reitet auf einem Esel ein Syrer*” (KKS: 116, grifos nossos). Do mesmo modo que a impressão anterior, o animal montado tem as características físicas de um asno ou um híbrido. Todavia, não é possível identificar o status do personagem que monta o animal em questão.

Excluída as duas impressões analisadas anteriormente, nos resta discutir a representação iconográfica do molde feito de esteatite. Ele foi usado para a comparação de Özgüç – publicado no mesmo artigo da autora de 1965 (prancha XXXIII, figura 106) – e até hoje é considerado um paradigma associado a representações de asnos/híbridos no período paleoassírio. Esse molde (Fig. 6) apresenta um

deus montando um animal com suas orelhas e corpo alongados. As características são convincentes o bastante para afirmarmos não se tratar de um cavalo, entretanto o fato do animal estar sendo montado por um deus – um ser de alto status – coloca a grande possibilidade de representação de uma mula.



Fig. 6. Molde Kt k/k 63 com a representação de duas figuras e um asno.

Fonte: Kulakoğlu; Kangal, 2010: 273, figura 241. Molde para figuras feito de esteatite Kt c/k 63, 6,3cm X 5,5cm. Datado de fase Ib do *kānum* Kaneš (ca. 1840-1700), Museu das Civilizações Anatólicas de Ancara, Turquia.

Em relação as fontes textuais, a maior parte dos cerca de 23 mil tabletes conhecidos sobre o período paleoassírio foram encontrados durante as escavações arqueológicas nas casas de famílias mercadoras assírias em Kaneš, hoje sítio arqueológico de Kültepe. As informações encontradas nessa documentação dizem respeito, sobretudo, ao comércio de longa distância praticado pelos assírios na Anatólia, o que inclui uma rica literatura sobre o uso dos asnos como animais de carga nas caravanas assírias. Podemos classificar as informações fornecidas por esses textos em três categorias: dados quantitativos, dados terminológicos e dados sobre a organização das caravanas. Para uma melhor compreensão de como esses animais

14 A foto completa do envelope e de seu tablete podem ser consultadas no banco de dados da Cuneiform Digital Library Initiative (CDLI), número P359964.

15 O tablete e seu envelope encontram-se salvaguardados na Charles University, em Praga, sob o número Praga I 692. A impressão em questão corresponde ao selo C.

são retratados nessa documentação, propomos o exame da presença e da importância dos asnos no comércio de longa distância a partir dos dados encontrados no arquivo de um mercador assírio de nome Elamma.

A presença dos asnos na vida dos mercadores assírios: um estudo de caso a partir do arquivo de Elamma

Os documentos que nos servem aqui como estudo de caso pertenceram a família de um proeminente mercador assírio chamado Elamma, que atuou nas redes de comércio por pelo menos três décadas, entre os anos de 1906 e 1881 AEC (Barjamovic, Hertel & Larsen 2012: 58, 71). A escolha do arquivo se deu pela sua disponibilidade de acesso e integridade, ou seja, trata-se de um arquivo publicado e descoberto durante as escavações legais organizadas pelo governo turco, o que nos permite determinar seu contexto e tamanho¹⁶.

O arquivo de Elamma

O arquivo da família de Elamma, contendo 372 tabletas, foi encontrado em sua casa escavada no sítio de Kültepe (Fig. 7) durante as expedições turcas oficiais de 1991 (282 tabletas) e 1992 (90 tabletas), sob a direção do arqueólogo Tahsin Özgüç¹⁷. Entre os documentos encontrados no arquivo estão cartas, documentos legais, memorandos, listas e notas, que hoje estão salvaguardados no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, na Turquia. Mais de duas décadas depois das escavações, os documentos foram editados e publicados pelo assiriólogo holandês Klaas

16 Cabe pontuar que os arquivos dos mercadores assírios não contêm todos os documentos produzidos por um mercador e sua família ao longo de sua vida. Os arquivos são vivos, documentos podiam ser adicionados, descartados, ou até mesmo levados de volta para Aššur, uma vez que alguns mercadores voltam para sua cidade mãe durante a velhice.

17 O resumo do relatório oficial das escavações pode ser encontrado em Mellink (1993) e Gates (1994).

Roelof Veenhof no volume *Kültepe Tabletleri* 8 (KT 8 2017a).

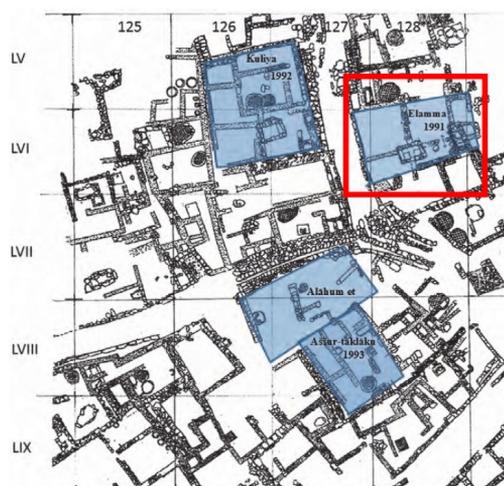


Fig. 7. Quadrante com destaque para a casa de Elamma (casa 56).

Fonte: adaptado de Michel, 2018:62. Destaque nosso.

Elamma morou em Kaneš até o fim de seus dias. Ele fazia parte de uma firma familiar que atuava no comércio a partir da venda de tecidos e estanho na Anatólia, eventualmente eles também negociavam diretamente cobre por prata¹⁸. Uma vez sabendo ser impossível o acesso total aos documentos produzidos em vida por um mercador e sua família, não podemos estimar o tamanho do comércio realizado por Elamma. Entretanto, como demonstra Veenhof (2021: 177-179), é viável quantificar os bens registrados nos documentos que sobreviveram até o presente, nos levando ao entendimento da amplitude das negociações praticadas. Os documentos que apresentam dados referentes as datas dos eventos informam que o mercador atuou por, pelo menos, 25 anos, entre os anos

18 Por meio da documentação do arquivo conhecemos o nome de sua esposa, Lamassutum, duas filhas mulheres (Umm-šihara e Šalimma) e seis filhos homens (Aššur-šab, Ennam-Aššur, Pilah-Ištar, Šu-Bulum, Ušur-pu-Aššur e Abu-šalim). Além dos oito irmãos germanos, sabemos da existência de Ištar-lamassu, filha apenas de Elamma de um provável primeiro casamento. Todos eles estiveram envolvidos em atividades comerciais (Veenhof, 2017).

de 1906-1881 AEC (Veenhof 2017: 30-31; 2021: 175). Ele enviou ao menos cerca de 300 quilos de prata e 5 quilos de ouro para Aššur e cerca de 1400 quilos de estanho e 1350 unidades de tecidos para a Anatólia (Veenhof 2021: 177-178). Esse grande volume de mercadorias enviadas para Anatólia e de metais trazidos em retorno para Aššur, dependia do sucesso da circulação das caravanas de asnos nessa rota inter-regional.

Terminologia

No contexto paleoassírio os asnos aparecem no registro textual ou designados pelo termo acadiano *emārum* ou, de forma mais corrente, pelo logograma sumério *anše*¹⁹. Entre os 327 documentos que constituem o arquivo de Elamma, referências diretas aos asnos representam 12% do arquivo. Os termos usados para designar esses animais aparecem 74 vezes em 40 documentos diferentes²⁰. Desse total, a palavra acadiana *emārum* aparece uma única vez em KT 8 47²¹. Todas as outras ocorrências se dão por meio do emprego do sumerograma *anše*.

O sumerograma *anše* pode aparecer no singular ou no plural, sendo que a pluralização é produzida de três maneiras distintas. Ela pode acontecer por meio do acréscimo dos sumerogramas *hi-a*, que representam a marca de pluralização na língua suméria; pela adição de um numeral indicador de quantidade antecedendo o sumerograma; ou pela dupla pluralização, adicionando-se tanto o numeral quanto a marca de pluralização (**Tabela 1**). Para a designação de quantidades, o quadro mais comum é o aparecimento do numeral

19 No contexto sul mesopotâmico do mesmo período, o chamado período paleobabilônico, os asnos são referidos na documentação pelo termo acadiano *imērum*.

20 No arquivo de Elamma, o termo *anše* também aparecer sete vezes para designar a forragem (*ukulti anše*) e quatro vezes para designar a atrelagem (*unūt anše*) desses animais. Essas ocorrências não foram incluídas nos dados acima.

21 KT 8 47:31, *e-ma-ra-am*.

seguido do termo que representa o animal. A adição da marca de pluralização *hi-a* ocorre usualmente para evidenciar a presença de um grupo de animais, *i.e.* “os asnos”, sendo a dupla pluralização pouco comum no dialeto paleoassírio.

ACADIANO		<i>emārum</i>
	sumerograma	<i>anše</i>
	numeral + sumerograma	2 <i>anše</i>
SUMÉRIO	sumerograma + marca de pluralização	<i>anše</i> ^{hi-a}
	numeral + sumerograma + marca de pluralização	2 <i>anše</i> ^{hi-a}

Tabela 1. Terminologia nos arquivos paleoassírios.
Fonte: elaborada pela autora, 2023.

A caracterização dos animais

Como vimos anteriormente, a maior parte das fontes textuais conhecidas nos dão pouca ou nenhuma informação sobre as características físicas desses animais. Grande parte dos asnos utilizados para o transporte de mercadorias era qualificado como asnos pretos-*anše* *šallānum*. Nos arquivos de Elamma, são 20 ocorrências em 17 documentos de asnos desse tipo. Uma segunda ocorrência de especificação física para o animal aparece na carta KT 8, 26: “O asno que porta um *uthārum* pertence a Hinnaya”²². De acordo com Dercksen (2004b: 8-9), a palavra *uthārum* nesse contexto tem o sentido de uma marca ou um sinal.

Embora nos documentos do arquivo de Elamma fiquemos restritos à essas duas informações, em arquivos de outros mercadores encontramos diversas ocorrências de vocabulários que indicam traços físicos (tamanho, força, idade) ou características relacionadas ao temperamento dos asnos. Todos

22 KT 8, 26:10-12, *um-ma dumu ša-lá-mi-lim-ma a-na anše ša ut-ha-ra-am ša-ak-nu ša Hi-na-a*.

esses elementos eram levados em conta na hora da escolha do animal, uma vez que a seleção dos asnos era muito importante para o sucesso das viagens das caravanas.

O tablete VS 26 74, indica um possível critério para a escolha de um asno no que diz respeito a sua idade: seus dentes deveriam ser pequenos, ao contrário de seu tamanho (Dercksen 2004a: 260)²³. A escolha de um equídeo em função de sua arcada dentária, um indicador da saúde e idade do animal, é uma prática usada até os dias de hoje.

Indicadores mais gerais como a qualidade do animal aparecem com frequência. Não são raros os pedidos de asnos de boa qualidade, como no trecho de TCL 19, 43: “De acordo com a vossa demanda, nós adquirimos 9 asnos pretos de boa qualidade”²⁴. A boa qualidade do animal é indicada pelo adjetivo verbal “bom”, representado pela palavra acadiana *damqum* ou pelo sumerograma sig₅. Os asnos de boa qualidade também aparecem em oposição aos animais indisciplinados, designados pelo adjetivo verbal acadiano *wānium*²⁵. Esses animais deveriam ser evitados ou substituídos: “Se vós virdes que entre os asnos há um indisciplinado, vendi-o e trazei um ou dois siclos de prata²⁶ para além de seu preço e comprei um asno de boa qualidade” (TCL 14, 16)²⁷ Em alguns outros casos, os mercadores solicitam asnos que sejam fortes (em acadiano,

dannum) em oposição aos asnos frágeis (no acadiano, *raqqum*), que são indesejados: “Deixai os asnos fracos no pasto. Trazei aqui os asnos fortes” (CCT 3, 44b).²⁸ (Dercksen 2004a: 260, 264-265).

5.4 A preocupação com o bem-estar dos asnos

Dado o fato de que trajeto a ser percorrido era longo, a escolha dos animais era minuciosa. Eles eram preparados cuidadosamente antes da partida para a Anatólia e a viagem exigia uma complexa organização em termos de alimentação e lugares para o descanso, já que muitos homens e animais estavam implicados (Barjamovic 2022: 518). A documentação aponta para uma série de cuidados que eram dispensados aos animais relacionados, principalmente, à forragem e eventuais pausas durante o percurso. Nos arquivos da Elamma, esses dados são apresentados em seu aspecto quantitativo em documentos como cartas e memorandos, que descrevem os custos da caravana.

A forragem dos asnos aparece representada pelo termo acadiano *ukultum*, que também pode ser traduzida como provisão (Veenhof 2017: 85). Dercksen (2004a: 266) estima que no contexto paleoassírio a forragem custava em torno de ½ siclo de prata por animal. Na maior parte das ocorrências nesse arquivo, nós não sabemos a quantidade animais a que se refere ou a quantidade de prata destinada especificamente para a providência da forragem (Tabela 2), mas o preço parece variar consideravelmente.

23 VS 26 74 :28-30, anše^{h1a} šī-nam : lu ša-hu-ru : la-na[m] l[lu] [e]li-ú. Essa fórmula aparece em outros documentos que tratam de mulas.

24 Cópia do tablete publicada por Julius Lewy (TCL 19, tablete 43). Edição do documento em Larsen (1967: 98-99); Michel (2010, 128). TCL 19, 43:16-18, 9 anše ša-lá-mu a-na ma-la té-er-ti-kà dam-qú-tim ni-iš-a-am.

25 O adjetivo verbal *wānium* deriva do verbo *wanā’um*, trapacear (GOA:537). Para Dercksen, ele indicaria um animal “[...] with a particular deficiency which made it necessary to replace it by another animal” (2004b:281).

26 Um siclo nesse contexto corresponde a 8,3 gramas.

27 Documento editado por Ichisar (1981:243-245) e Michel (2001:192-193). TCL 14, 16: 30-34, šu-ma i-na anše^{h1a}: ta-da-ga-lá-ma [u]a-ni-um i-ba-šī dī-na-šu-ma a-šér-er šī-mi-šu kù-babbar 2 gín 1 gín [r]a-a-dí-a-ma : anše sig₅ [...] Ša-a-ma.

28 Cópia do tablete publicada por Sidney Smith (CCT 3, prancha 44, tablete b). Edições do documento em Lewy (1956:21-23) e Michel (2001:151-152). CCT 3, 44b: 17-21, e-ma-ri : ra-qú-tim a-na na-ab-ri-tim i-dí-i : e-ma-ri da-nu-tim : a-ni-ša-am šér-ri-ba-am.

DOCUMENTO	TRECHO	ESTIMATIVA POR ANIMAL
KT 8 19	“ $\frac{1}{3}$ mina ²⁹ $\frac{1}{2}$ siclos de prata para a forragem dos asnos de Hinnaya, nós os nutrimos com essa forragem” ³⁰	
KT 8 23	“A forragem custou [x] mina 5 siclos de prata (por asno)” ³¹	x mina 5 siclos por animal
KT 8 37	“5 asnos pretos [...] 1 asno ficou doente e nós trouxemos um outro [...] 14 siclos (de prata) de forragem para os asnos” ³²	cerca de 2 siclos cada
KT 8 39	“2 asnos pretos [...] 1 siclos, a forragem para os asnos” ³³	$\frac{1}{2}$ siclo para cada
KT 8 43	“3 $\frac{2}{3}$ minas 5 siclos (de estanho), a forragem para dois asnos e um condutor de asnos e para sua estadia no curral” ³⁴	
KT 8 50	“2 minas, a forragem” ³⁵	
KT 8 150	“41 minas 15 siclos de estanho, incluindo as despesas com a forragem” ³⁶	
KT 8 151	“24 minas 10 siclos (de estanho), incluindo as despesas com a forragem” ³⁷	
KT 8 153	“1 $\frac{2}{3}$ siclos de prata, a forragem para os asnos e a taxa de circulação até Wahšušana” ³⁸	

Tabela 2. Preço da forragem dos asnos no arquivo de Elamma.

Fonte: elaborada pela autora, 2023.

29 Uma mina nesse contexto corresponde a cerca de 500 gramas.

30 KT 8 19: 30-32, $\frac{1}{3}$ ma-na $\frac{1}{2}$ gín kù-babbar a-na ú-ku-ul-ti anše^{h₁a} ša Hina-/a ú-ku-ul-ti nu-ša-ki-il5.

31 KT 8 23: 35, [x m]ana 5 gín-ta ú-ku-ul-tám [iš]ku-nam. Dado o contexto, o sinal faltante provavelmente se trate de $\frac{1}{2}$ mina.

32 KT 8 37: 27; 29-30; 37, 5 anše^{h₁a} ša-lá-mu [...] 1 anše im-ra-aš-ma wa-at-ra-/am ni-iš-a-ma (...)14 gín ú-kúl-ti anše^{h₁a}.

33 KT 8 39: 24; 32-33, 2 anše^{h₁a} ša-lá-mu [...] 1 gín ú-kúl-ti anše^{h₁a}.

34 KT 8 43: 16-18, 3 $\frac{2}{3}$ ma-na 5 gín ú-kúl-ti 2 anše ú sá-ri-dim ù na-ab-ri-ta-šu-nu.

35 KT 8 50: 9-10, 2 ma-na ú-ku-ul-tum.

36 KT 8 150: 4-5, 41 ma-na 15 gín an-na qá-dì šá ú-ku-ul-tim.

37 KT 8 151: 3-4, 25 ma-na 10 gín qá-dum ú-ku-ul-tim.

38 KT 8 153: 20-23, 1 $\frac{2}{3}$ gín kù-babbar ú-kúl-ti ù da-a-šu ša a-dì Wa-ah-šu-ša-na.

Em relação aos locais onde os animais ficavam guardados durante as pausas das caravanas ou enquanto não eram utilizados, representado pelo substantivo *nabrītum* e aqui traduzido por curral, a documentação nos informa sobre os custos. Adicionalmente a KT 8 43, reproduzido na tabela acima, em KT 8 145 encontramos o trecho: “[x] minas de cobre (foram gastas) quando (os asnos) foram colocados em um curral em Wahšušana”³⁹. Apesar de valores serem postos, nos faltam informações. Assim como observa Dercksen (2004b: 267-268) em documentos de outros arquivos sobre a estadia de animais em currais, nos faltam dados sobre a quantidade de diária e/ou a quantidade de animais para compreendermos esse custo. Provavelmente o valor dispensado incluía a alimentação dos animais e o pagamento de responsáveis pela guarda deles durante essas pausas em lugares que Dercksen definiu como “*comunal enclosed field for keeping donkeys*” (2004a: 267)⁴⁰.

A preocupação com o bem-estar dos animais durante as viagens das caravanas é retratada na documentação para além da alimentação e do descanso dos asnos durante o percurso. Em uma detalhada carta escrita por outro conhecido mercador assírio, Imd³⁹-ilum (TCL 14, 16), aos seus parceiros comerciais, ele demonstra uma grande preocupação em relação ao tamanho da carga que será carregada sobre seus asnos e como isso poderia afetá-los:

¹³Assim (fala) Imd³⁹-ilum. Para Annal³⁹, Aššur-id³⁹ e Amur-il³⁹ diz: [...] ¹¹⁻²⁵Não carregue nenhum outro rolo (de tecido) sobre os asnos. 15 asnos pretos. [...] Porque eu não cesso de ouvir que vós adicionastes sobre os meus pacotes de carga superior 13 sacos contendo [vossos] rolos (de tecidos)? E, então, vós maltratais meus asnos e me deixais com raiva. É urgente, alimentai (os

asnos). Não economizeis na ração. E não adicione vossos rolos (de tecido) sobre os meus pacotes de carga (TCL 14, 16).

Imd³⁹-ilum acusa seus destinatários de forçar sua permissão para colocar mais cargas sobre os animais. A adição de mais mercadorias significaria a economia no transporte e nas taxas de circulação. Entretanto o ato seria muito perigoso para os animais e para o sucesso da caravana. Essa carta evidencia que os mercadores tinham plena consciência das quantidades que poderiam ser carregadas por esses animais. Não é à toa que o autor da carta repete por três vezes a ordem de que pesos extras não sejam acrescentados e que os animais sejam bem cuidados, reforçando que os responsáveis pela viagem devem nutri-los sem economia.

5.5 As surpresas pelo caminho

A preocupação dos mercadores com os asnos era justificável, uma vez que não são raras as ocorrências de doença ou morte de animais no meio do trajeto. Em casos extremos a documentação retrata a morte de 50% dos animais, como na carta BIN 6 79: “6 asnos pretos [...] (Na verdade) 3 estão mortos”⁴¹ (Dercksen 2004a: 263). No arquivo de Elamma, a morte dos animais é enunciada pelo emprego do verbo morrer-*muātum*, como em KT 8 23: “um asno morreu durante a viagem”⁴². Nos arquivos paleoassírios o verbo desaparecer-*halāqum* é usado para exprimir a morte de um animal ou animais que escaparam durante o percurso. No arquivo de Elamma, o verbo *halāqum* é frequentemente empregado para remeter a perda de tecidos, mas nenhuma ocorrência se relaciona a perda ou morte de asnos. Animais que foram

39 KT 8 145: 19-21, [x] *ma-na* urudu *i-na-áb-ri-tim* [i-n]a *Wah-šū-ša-na* [...] *ga-me-er*.

40 Para outros exemplos da aplicação do termo na documentação paleoassíria, cf. Dercksen, 2004a:267-270.

41 Cópia do tablete publicada por Ferris Stephens (BIN 6, prancha XXXIII, tablete 79). Documento editado por Ichisar (1981:269-271), Larsen (1967:139; 157), Michel (2001:138), e Nashef (1987:15-16). BIN 6, 79: 5; 21', 6 anše^{h18} *ša-lá-um* [...] 3 anše *me-ti*.

42 KT 8 23: 29-31, anše *i-ha-ra-nim* *i-mu-ut-ma*.

acometidos por doenças no percurso são referidos pelo verbo ficar doente-*marāšum*, como em KT 8 37: “1 asno ficou doente e nós compramos um asno suplementar”⁴³.

A substituição de asnos que morreram ou que ficaram doentes era essencial nesses casos, uma vez que as mercadorias dificilmente poderiam ser realocadas internamente nas caravanas e arriscava-se perdê-las na falta de transporte. A solução poderia acontecer por duas vias, a reposição do animal perdido por meio da compra – como vimos no parágrafo acima na carta KT 8 37 – por meio do emprego do verbo comprar-*ša’āmum*, ou por meio do aluguel de um novo animal. O arranjo do aluguel, representado pelo verbo contratar-*agārūm*, poderia ser feito pelo percurso total restante ou por porções da viagem, como em KT 8 151:

⁸⁻¹⁷Eu paguei 2 siclos de prata e 2 siclos de estanho pelo aluguel de um asno pelo trajeto entre Timilkīya e Hurama. Eu paguei 4 ½ siclos de prata e 4 ½ siclos de estanho pelo aluguel de um asno e de um condutor de ano pelo trajeto entre Hurama e Kaneš. (KT 8 151)⁴⁴.

Para além dos problemas com o próprio animal, um mercador era confrontado com diversos perigos ao longo do percurso da viagem (Michel 2008: 380-381), como surpresas geográficas, humanas, *i.e.* ladrões, ou mesmo climáticas, como vemos nos documentos de Elamma: “Como faz frio aqui, é impossível que ela se desloque” (KT 8 189), ou ainda “Se no momento da partida, o tempo estiver agradável [...] ele pode partir. Se fizer calor, ele não deve partir” (KT 8 18).

43 KT 8 37: 29-30, 1 anše *im-ra-aš-ma wa-at-ra/am ni-iš-a-ma*.

44 KT 8 151: 8-17, 2 gín kù-babbar ù 2 gín an-na ig-re anše iš-tù *Ti-mi-il5-ki-a : a-di Hu-ra-ma aš-qúl* 4 ½ gín kù-babbar ù 4 ½ gín an-na ig-re anše ù *sá-ri-di-im iš-tù Hu-ra-ma : a-di Kà-ni-iš : aš-qúl*.

5.6 Organização das caravanas

Kaššārum era o nome dado ao responsável pelas caravanas. Essa era uma função desempenhada por pessoas de confiança que supervisionavam as viagens. Em alguns casos, conhecemos o nome de quem ocupava a função e o valor do pagamento realizado pelos seus serviços. O pagamento incluía duas partes: o capital de trabalho-*be’ulāum* e a vestimenta-*lubuštum*. De maneira geral, no arquivo de Elamma o valor do pagamento do capital de trabalho oscilava entre 20 e 30 siclos de prata adicionados de 2 siclos de prata suplementar destinados a vestimenta⁴⁵, como em KT 8 36: “22 siclos de prata pelo capital de trabalho de Šalim-Aššur, o *kaššārum*, 2 siclos, sua vestimenta”⁴⁶.

Os asnos eram distribuídos em comboios compostos por dois ou três condutores-*sāridum*, cada condutor sendo responsável por até dois animais. A função de *sāridum* era desempenhada por pessoas especializadas que poderiam ser recrutadas para percorrer toda a viagem ou parte do percurso. Um terceiro personagem estratégico da organização das viagens era *rādiūm*, um guia contratado para situações específicas, principalmente para atravessar zonas mais complexas, como rios. (Barjamovic 2011: 16-18; Dercksen 2004a: 283).

As notas e memorandos que contabilizam os gastos com a organização das caravanas nos dão acesso ao preço dos asnos. Além de bons portadores de cargas, os asnos eram mercadorias da economia assíria, sendo um dos produtos mais exportados. Uma vez que as caravanas não voltavam carregadas para Aššur, a maior parte dos animais eram vendidos chegando na Anatólia e geravam lucro aos assírios. No quadro geral da documentação do período, em Aššur um animal custaria entre 16 e 17 siclos de prata mais 2 ou 3 siclos para a compra da atrelagem. Já na Anatólia, um asno poderia custar de 20 a 30 siclos de prata.

45 Documentos KT 8 34, 35, 36, 37, 39 e 40.

46 KT 8 36: 16-20, 1/3 *ma-na* 2 gín *be-ú-la-at Ša-lim-Aš-ūr ka-ša-ri-im* 2 gín kù-babbar 1 *lu-bu-šu*.

Ao contrário do preço da atrelagem que se mantém entre 2 e 2,5 siclos de prata para cada animal (Tabela 3), nos arquivos de Elamma o preço de um asno se aproxima dos 20 siclos de prata. Em certos casos, o valor elevado poderia estar relacionado a soma da atrelagem e da forragem, que não foram descritos explicitamente. Em outros casos, como sugere

Veenhof (2017: 85-86) ao estudar o valor dos animais no arquivo, a variação extrema poderia estar conectada a questões de oferta e demanda. Por fim, observamos quatro casos com uma variação extrema de preços que se aproximam de 30 siclos – provavelmente asnos comprados na Anatólia – ou de 10 siclos – para os quais não encontramos explicação (Tabela 4).

DOCUMENTO	PREÇO	QUANTIDADE
KT 8 34	10 + x siclos de prata	4 asnos
KT 8 35	10 siclos de prata	4 asnos pretos
KT 8 36	4 ½ siclos de prata	2 asnos pretos
KT 8 37	9 siclos de prata	5 asnos pretos
KT 8 39	3 ½ siclos de prata	2 asnos pretos
KT 8 40	10 ⅓ siclos de prata	4 asnos pretos

Tabela 3. Preço da atrelagem-*unūtum* no arquivo de Elamma.

Fonte: elaborada pela autora, 2023.

DOCUMENTO	PREÇO	QUANTIDADE	POR ANIMAL
KT 8 3	20 siclos de prata	1 asno	20 siclos
KT 8 34	78 siclos de prata	4 asnos	19 ½ siclos
KT 8 35	75 siclos de prata	4 asnos pretos	18 ¼ siclos
KT 8 36	38 siclos de prata	2 asnos pretos	19 siclos
KT 8 37	77 siclos de prata	5 asnos pretos	15 siclos
KT 8 39	36 siclos de prata	2 asnos pretos	18 siclos
KT 8 40	73 siclos de prata	4 asnos pretos	18 siclos
KT 8 47	126 siclos de prata	6 asnos pretos	21 siclos
KT 8 85	27 siclos de prata	1 asno	27 siclos
KT 8 100	150 siclos de prata	5 asnos	30 siclos
KT 8 121	7 ½ siclos de prata	1 asno	7 ½ siclos
KT 8 337	23 siclos de prata	2 asnos	11 ½ siclos

Tabela 4. Preço dos Asnos no arquivo de Elamma.

Fonte: elaborada pela autora, 2023.

As fontes paleoassírias nos informam sobre um amplo vocabulário relacionado às cargas e peças que compunham o equipamento dos asnos, que foi detalhadamente estudado por Dercksen (2004a: 272-282) e Veenhof (1972: 11-27). A forma mais comum de montagem da mercadoria nos animais parece ter sido dois meio-pacotes-*muttātum* arranjados um de cada lado do animal e uma carga-*elītum* sobre seu lombo. Dentro de um *muttātum* poderia ser colocado um pequeno saco de couro chamado de *naruqum* com cargas preciosas, como joias ou pequenas quantias de metais. Já a carga-*elītum* poderia ser representada por três a seis rolos de tecidos, chamados de *qulqulum*.

Em relação ao vasto vocabulário do período sobre o equipamento dos asnos, a carta KT 8 342 nos dá uma ideia do que podemos encontrar: “5 tapetes de sela-*ukāpum* de 4 asnos, sacos-*zurzu*, 4 pacotes-*matlišhu*⁴⁷, 3 chabraques-*masrādu*, tudo isso está com NP. Sacos-*zurzu*, 1 pacotes-*matlišhum*, 2 corda com uma cavilha-*ēblē sikkatim*⁴⁸, 1 xairel-*masrādum* [...] tudo isso está com NP”⁴⁹.

A estimativa de que os asnos poderiam aguentar uma carga média de 75 quilos nos é de grande serventia para uma compreensão mais ampla da documentação, que frequentemente não informa os dados completos, os arranjos, as quantidades, ou mesmo a qualidade das cargas colocadas sobre os animais. Tomemos a carta KT 8 33 como exemplo: “18 tecidos do tipo *šūrum* e 10 tecidos do tipo *kutānum*, 2 talentos de estanho embalados (foram colocados em) 2 asnos pretos”⁵⁰.

Se considerarmos que um asno pode carregar uma carga menor que 75 quilos, esse documento descreveria dois animais portando uma carga total de cerca de 150 quilos

computando 60 quilos de estanho⁵¹, 10 tecidos do tipo *kutānum*⁵² e 18 tecidos do tipo *šūrum*⁵³. Sabemos que nesse contexto um tecido padrão, conhecido como *kutānum*, pesa, em média, 2,5 quilos. Desse modo, cada animal carregaria 30 quilos de estanho, 25 quilos de tecidos do tipo *kutānum* e 9 tecidos do tipo *šūrum*. Esse cálculo nos permite estimar que um tecido do tipo *šūrum* pesaria, em média, 2 quilos.

6. Conclusão

A domesticação dos asnos no contexto mesopotâmico foi um fator essencial para o desenvolvimento do comércio paleoassírio no início do II milênio AEC. Seu emprego como principal animal de carga possibilitou uma mudança quantitativa nas trocas, tornando-se indispensável para vida de um comerciante e para o funcionamento do comércio. Apesar da ausência de vestígios zooarqueológicos que corroborem com a presença intensa dos asnos no sítio arqueológico de Kültepe, uma rica quantidade de informações nos tablettes cuneiformes encontrados nesse sítio nos permitem estimar o fluxo monumental de mercadorias, animais e pessoas envolvidas no comércio de longa distância entre Aššur e Kaneš.

Neste artigo, o trabalho de revisão bibliográfica em cotejo com a análise dos tablettes que pertenceram a família do mercador assírio Elamma nos permitiu dimensionar a complexa organização das caravanas. Anualmente, mais de mil animais atravessavam a Mesopotâmia até chegar na região da Anatólia Central carregando toneladas de estanho e tecidos (Dercksen 2022: 91). As vantagens

47 Tipo de pacote específico para estanho e tecido.

48 A corda era provavelmente feita de couro. Esse objeto servia para fixar a carga ao animal. (Dercksen, 2004a:275-276).

49 KT 8 34:1-14, 5 *ukā-pu-ú ša* 4 *anše^{his} zur-ur/zu* 4 *ma-at-li-šhu* 3 *ma-as-ra-du mi-ma a-nim* PN *zur-ur* 1 *ma-at-li-šhu*<um> 2 *ēble si-kā-tim* 1 *ma-as-ra-dum* (...) *mi-ma a-nim* PN.

50 KT 8 33:1-6, 18 *túg šu-ru-tim* 10 *túg ku-ta-ni* 2 *gú an.na li-wi-sú* (...) 2 *anše ša-la-me*.

51 Nesse contexto, cada talento pesa 30 quilos.

52 Provavelmente um tipo de tecido comum, encontrado em maior frequência na documentação paleoassíria. Era feito de lã e media cerca de 4,5m × 4,0m (Michel & Veenhof 2010:234-235).

53 Esse adjetivo só ocorre no contexto paleoassírio e parece indicar um tecido de cor escura e de boa qualidade, uma vez que tinha custo elevado e foi dado como presente para rainhas anatólias (Michel & Veenhof 2010:244).

do uso dos asnos superavam o carregamento de cargas, agindo como uma engrenagem fundamental no sistema de comunicação inter-regional, transportando milhares de tabletas cuneiformes durante suas viagens.

Mesmo com uma grande quantidade de informações disponíveis nas fontes textuais, é importante termos em mente que apenas cerca de 25% da documentação do período paleoassírio encontra-se publicada. Isso significa dizer que esse é um campo profícuo de análise e que a publicação dos tabletas exumados de Kültepe pode nos levar a novas descobertas como, por exemplo, em que termos se dava a criação desses animais nas terras assírias, ou até mesmo o significado de vocabulários específicos

desse contexto histórico que ainda nos fogem a uma compreensão mais ampla.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo nº 2019/12945-6 e BEPE Processo nº 20/07395-4) pelo financiamento de minha pesquisa doutoral. Aos meus orientadores, Prof^a Cécile Michel e Prof Marcelo Rede. Por fim, a leitura atenta e os preciosos comentários dos pareceristas.

As opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

FATTORI, A. Donkeys in the Old Assyrian period: animals that were vital to merchants' life and the operation of trade (Mesopotamia, Middle Bronze Age). *R. Museu Arq. Etn.* 42: 31-50, 2024.

Abstract: At the beginning of the second millennium BCE, in the Old Assyrian period, the municipality of Aššur (in northern Mesopotamia) emerged as a prominent center in an extensive long-distance trade network. Hundreds of members of Assyrian merchant families ventured into the remote Anatolian lands, specially Kaneš, to trade tin and textiles and sometimes copper and wool in exchange for gold and silver. The success of this endeavor largely owes to the use of donkeys as pack-animals. Donkeys were organized in caravans, leaving Mesopotamia a couple of times a year to reach central Anatolia, in which they were also traded. This study aims to describe the fundamental importance of donkeys in the organization of long-distance trade as well as all the effort required to properly select and care for this animal along its life cycle. For this purpose, we intend to carry out a bibliographical review based on a discussion of available literature in dialogue with the Old Assyrian textual sources. The archive of an Assyrian merchant named Elamma provides us a case study that will enable us to examine in detail the presence of these animals in the life of merchants.

Keywords: Old Assyrian Period; Donkeys; Long Distance Trade, Aššur; Kaneš

Referências Bibliográficas

Abreviações

ARM 26/2 = Charpin, D. *Et al.* 1988. *Archives Royales de Mari* 26. Archives Épistolaires de Mari I/2. Éditions Recherche sur le Civilisations, Paris.

BIN 6 = Stephens, F.J. 1944. *Old Assyrian Letters and Business Documents*. Babylonian Inscriptions in the Collection of J. B. Nies. Yale University Press, New Haven.

CCT 3 = Smith, S. 1915. *Cuneiform Texts from Cappadocian Tablets in the British Museum*. Oxford University Press, Londres.

GOA = Kouwenberg, N.J.C. 2017. *A Grammar of Old Assyrian: Handbook of Oriental Studies*. Brill, Leiden.

Kt c/k = tabletes provenientes das escavações do *kārum Kaneš* no ano de 1950.

Kt k/k = tabletes provenientes das escavações do *kārum Kaneš* no ano de de 1959.

Kt m/k = tabletes provenientes das escavações do *kārum Kaneš* no ano de 1961.

KKS = Matouš, L.; Matoušová-Rajmová, M. 1984. *Kappadokische Keilschrifttafeln mit Siegeln: aus den Sammlungen der Karlsuniversität in Prag*. Karlsuniversität in Prag, Praga.

KT 8 = Veenhof, K.R. 2017. *The Archive of Elamma, son of Iddin-Suen, and his Family* (Kt. 91/k 285-568 and Kt. 92/k 94-187). *Kültepe Tabletleri VIII*. Türk Tarih Kurumu, Ankara.

Praga I = tabletes salvaguardados na coleção da Charles Univeristy, Praga, República Tcheca.

TCL 14 = Thureau-Dangin, F. 1928. *Tablettes Cappadociennes du Louvre II*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.

TCL 19 = Lewy, J. 1935. *Tablettes Cappadociennes du Louvre III.1*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.

VS 26 = Veenhof, K.; Klengel-Brandt, E. 1992. *Altassyrisch Tontafeln aus Kültepe. Text und Siegelabrollungen*. Vorderasiatische Schriftdenkmäler der (Königlichen) Museen zu Berlin.

Bibliografia

Altaweel, M.; Squitieri, A. 2018. *Revolutionizing a World: From Small States to Universalism in the Pre-Islamic Near East*. UCL Press, Londres.

Barjamovic, G. 2011. *A Historical Geography of Anatolia in the Old Assyrian Colony Period*. Museum Tusculanum Press, Copenhagen.

Barjamovic, G. 2018. Interlocking commercial networks and the infrastructure of trade in western Asia during the Bronze Age. In: Kristiansen, K., Lindkvist, T. & Myrdal, J. (Eds.) *Trade and Civilization in the Pre-Modern World*. Cambridge University Press, Cambridge, 133–167.

Barjamovic, G. 2022. Before the Kingdom of the Hittites. Anatolia in the Middle Bronze Age. In: Radner, K., Moeller, N. & Potts, D. (Eds.). *The Oxford History of the Ancient Near East*. Oxford University Press, Oxford, 497-565.

Barjamovic, G.; Hertel, T.; Larsen, M. 2012. *Ups and Downs at Kanesh. Chronology, History and Society in the Old Assyrian Period*. PIHANS 120. Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, Leiden.

Beja-Pereira, A. *et al.* 2004. African origins of the domestic donkey. *Science* 304: 1781.

Cattani, M.; Bokonyi, S. 2002. Ash-Shumah. An early Holocene settlement of desert hunters and mangrove foragers in the Yemeni Tihama. In: Cleuziou, S., Tosi, M., Zarins, J. (Eds.). *Essays on the Late Prehistory of the Arabian Peninsula*. Serie Orientale Romana XCIII. Istituto Italiano per l’Africa e l’Oriente, Roma, 31-53.

Dercksen, J.G. 2004a. *Old Assyrian Institutions*. MOS Studies 4. Pihans 98. Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, Leiden.

Dercksen, J.G. 2004b. Old Assyrian *uthurum* “characteristic, mark” and *lū uthurum* “it surely was a sign”. *NABU*, 8-9.

Dercksen, J.G. 2022. The Golden Interval of Old Assyrian Tarde (2000-1700BC). In: Warburton, D. (Ed.). *The Earliest Economic Growth in World History. Proceedings to Berlin Workshop*. Peeters, Leuven, 75-104.

- Gates, M-H. 1994. Archeology in Turkey. *American Journal of Archaeology* 98, 2, 249-278.
- Goulder, J. 2020. *Working Donkeys in 4th-3rd Millennium BC Mesopotamia: Insights from Modern Development Studies*. Routledge, Londres.
- Goulder, J. 2021. Face to face with working donkeys in Mesopotamia: insights from modern development studies. In: Recht, L.; Tsouparopoulou, C. (Ed.). *Fierce lions, angry mice and fat-tailed sheep: Animas encounters in the Ancient Near East*. McDonald Institute for Archaeological Research, 249-262. DOI <https://doi.org/10.17863/CAM.76169>
- Horden, P.; Purcell, N. 2010. *The Corrupting Sea: A Study of Mediterranean History*. Wiley-Blackwell, Nova Jersey.
- Kimura, B. et al. 2011. Ancient DNA from Nubian and Somali wild ass provides insights into donkey ancestry and domestication. *Proceedings of the Royal Biological Sciences* 278: 50–57.
- Kulakoğlu, F.; Kangal, S. 2010. *Anatolia's Prologue: Kültepe Kanesh Karum, Assyrians in Istanbul*. Kayseri Metropolitan Municipality Cultural, Istanbul.
- Lafont, B. 2000. Cheval, âne, onagre et mule dans la haute histoire mésopotamienne : quelques données nouvelles. In: Parayre, D. (Ed.), *Les animaux et les hommes dans le monde syro-mésopotamien aux époques historiques*, Topoi Orient–Occident, Supplément 2. Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux, Lyon, 207-221.
- Larsen, M.T. 1967. *The Old Assyrian Caravan Procedure*. Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, Istanbul.
- Larsen, M.T. 2015. *Ancient Kanesh: A Merchant Colony in Bronze Age Anatolia*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Lewy, J. 1956. On Some Institutions of the Old Assyrian Empire. *Hebrew Union College Annual* 27: 1-79.
- Mellink, M.J. 1993. Archeology in Anatolia. *American Journal of Archaeology* 97, 1. 105-133.
- Michel, C. 2001. *Correspondance des marchands de Kaniš au début du IIe millénaire avant J.-C.* LAPO, 19. Les Éditions du CERF, Paris.
- Michel, C. 2003. The *perdum*-mule, a mount for distinguished persons in Mesopotamia during the first half of the second millennium BC. *PECUS. Man and animal in antiquity: Proceedings of the conference at the Swedish Institute in Rome, September 9-12, 2002*. Swedish Institute, Rome, 191-200.
- Michel, C. 2008. Les pérégrinations des marchands assyriens en haute Mésopotamie et en Asie Mineure. *Res Antiquae* 5: 371-388.
- Michel, C. 2011. The Kārum Period on the Plateau. In: Steadman, S.R.; McMahon, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE)*. OUP, Oxford, 313-336.
- Michel, C. 2018. Constitution, Contents, Filing and Use of Private Archives. In: Kienitz, S.; Friedrich, M.; Brockmann, C. (Eds.). *Manuscripts and Archives: Comparative Views on Record-Keeping*. De Gruyter, 43-70.
- Michel, C.; Veenhof, K. 2010. The Textiles Traded by the Assyrians in Anatolia (19th-18th Centuries BC). In: Michel, C.; Nosch, M-L. (Eds.). *Textile Terminologies in the Ancient Near East and Mediterranean from the Third to the First Millennia BC*. Ancient Textile Series 8. Oxbow Books, Oxford, 210-271.
- Mitchell, P. 2018. *The Donkey in Human History: An Archaeological Perspective*. Oxford University Press, Oxford.
- Nashef, K. 1987. *Rekonstruktion der Reiserouten zur Zeit der altassyrischen Handelsniederlassungen*. Ludwig Reichert Verlag, Wiesbaden.
- Orlando, L. 2021. Au-delà de nous, nos animaux domestiques. In: Orlando, L. *L'ADN fossile, une*

- machine à remonter le temps: les tests ADN en archéologie.* Odiel Jacob, Paris, 137-150.
- Özgüç, N. 1953. Vorbericht über die Siegel und Siegelabdrücke. *Belleten Türk Tarih Kurumu* 17/65: 123-127.
- Özgüç, N. 1965. *The Anatolian Group of Cylinder Seal Impressions from Kültepe: Kültepe mühür baskılarında Anadolu grubu.* TTK, Ankara.
- Palmisano, A. 2018. *The Geography of Trade. Landscapes of competition and long-distance contacts in Mesopotamia and Anatolia in the Old Assyrian Colony Period.* Archaeopress, Oxford.
- Rossel, S. *et al.* 2008 Domestication of the donkey: Timing, processes, and indicators. *Proceedings of the National Academy Sciences* 105: 3715–3720.
- Shammas, A. 2009. *Arabesques.* Babel, Paris.
- Sherrat, A. 1981. Plough and pastoralism: aspects of the Secondary Products Revolution. In: Hodder, I.; Isaac, G.; Hammond, N. (Eds.). *Pattern of the Past: Studies in the Honour of David Clarke.* Cambridge University Press, Cambridge, 261-306.
- Steadman, S.R.; McMahon, G. (Eds.). 2011. *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia: (10,000-323 BCE).* OUP, Oxford, 313-336.
- Stratford, E. 2019. Markets and Marketplaces in Middle Bronze Age Anatolia particularly during the 'Colony' Period. In: Rahmstorf, L & Stratford, E. (Eds.). *Weights and Marketplaces from the Bronze Age to the Early Modern Period.* Weight and Value; Wachholtz Verlag Kiel, Hamburg, 219-236.
- Thavapalan, S. 2020. *The Meaning of Color in Ancient Mesopotamia: Culture and History of the Ancient Near East.* Volume: 104. Brill, Leiden.
- Todd, E. *et al.* 2022. The genomic history and global expansion of domestic donkeys. *Science* 377: 1172-1180.
- Veenhof, K.R. 1972. *Aspects of Old Assyrian Trade and its Terminology: Studia et Documenta ad Iura Orientis Antiqui Pertinentia X.* Brill, Leiden.
- Veenhof, K.R. 2017. *The Archive of Elamma, son of Iddin-Suen, and his Family (Kt. 91/k 285-568 and Kt. 92/k 94-187).* Kültepe Tabletleri VIII. Türk Tarih Kurumu, Ankara.
- Veenhof, K.R. 2021. Chroniques Bibliographiques 24. Kültepe Texts: 1999-2010-2020 – Part 2. RA, 115, 175-202.
- Veenhof, K.; Eidem, J. 2008. *Mesopotamia: The Old Assyrian Period.* Academic Press Fribourg, Fribourg.
- Wang, C. *et al.* 2020. Donkey genomes provide new insights into domestication and selection for coat color. *Nature Communications* 11/6014. DOI <https://doi.org/10.1038/s41467-020-19813-7>
- Yilmaz, O. 2012. *Domesticated Donkey.* Veni Vidi Vici Publications, Ankara.
- Yousef, M.K.; Dill, D.B.; Freeland, D.V. 1972. Energetic cost of grade walking in man and burro, *Equus asinus*: Desert and mountain. *Journal of Applied Physiology* 33: 337-340.
- Zarins, J. 1978. The domesticated Equidae of third millennium B.C. Mesopotamia. *Journal of Cuneiform Studies* 30: 3-17.
- Zarins, J. 2014. *The Domestication of Equidae in Third-Millennium BCE Mesopotamia.* CDL Press, Bethesda.